



# abralic

experiências literárias textualidades contemporâneas

## CONTRIBUIÇÕES DA ATITUDE TERAPÊUTICA DE WITTGENSTEIN PARA OS ESTUDOS LITERÁRIOS CONTEMPORÂNEOS

Fernanda Valim Côrtes Miguel (UFVJM)

**RESUMO:** O objetivo desta comunicação foi o de partilhar e divulgar, entre os pesquisadores do simpósio e possíveis interessados, parte significativa dos fundamentos de minha pesquisa de doutorado, na qual apresentei as contribuições do pensamento de Ludwig Wittgenstein para os estudos literários contemporâneos, dando ênfase à atitude terapêutica praticada pelo filósofo em suas *Investigações Filosóficas*. Tal atitude vem orientando uma série de reflexões e pesquisas que passam a encarar as narrativas literárias como produtos das culturas, problematizando hierarquias e privilégios de sentido a que estão submetidas às práticas culturais e os valores ético-estéticos. Aquilo que seguimos nomeando como *terapia de dispersão espectral* passou a ser um modo de lidarmos com tais narrativas que leva em conta a supremacia do corpo do leitor, das memórias nas práticas coletivas e das narrativas como textos das culturas.

**Palavras-chave:** Wittgenstein. Estudos Culturais. Atitude terapêutica.

Antes de dar início à minha fala no simpósio “Ética, Estética e Filosofia da Literatura”, e levando-se em conta que ela é também a última apresentação do evento - a que fecha o ciclo de todos os demais trabalhos apresentados ao longo desses dias de encontro -, gostaria de agradecer aos colegas que compõem esta mesa de hoje e, especialmente, aos organizadores do simpósio, que foram meus colegas de pós-graduação e que se tornaram muito mais do que colegas: queridos amigos. A Abralic deste ano, na UERJ, como sabemos, reafirma-se como um evento de resistência, em defesa da universidade pública brasileira. Ao longo de minha formação acadêmica, fui aluna da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e, posteriormente, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Hoje sou professora da Universidade Federal dos Veles do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), uma das mais recentes instituições do país. Por isso, em homenagem a todas essas diferentes instituições públicas citadas aqui e que compõem esta mesa e nossas trajetórias de vida, em defesa da universidade pública brasileira, sem temor e sem temer/Temer (com letra maiúscula!) é que passo agora para minha fala.

O propósito desta minha apresentação hoje é compartilhar com vocês, ainda que brevemente, um pouco sobre o potencial criador e transgressivo da *terapia de dispersão espectral*, tal como a temos denominado e praticado no campo dos Estudos Literários contemporâneos, e que toma como referência a atitude terapêutica praticada pelo filósofo austríaco Ludwig Wittgenstein (1889-1951), sobretudo em suas *Investigações Filosóficas*, obra publicada postumamente (1953). Wittgenstein foi um dos principais atores da virada linguística na filosofia do século XX e as implicações de seu pensamento para os estudos literários, sobretudo como um modo de se lidar com escritas contemporâneas, são significativas e esses percursos vêm contribuindo com um campo produtivo de pesquisa e ao que parece ainda pouco explorado.

Realizar uma *terapia de dispersão espectral* de uma obra artístico-literária significa descompactá-la em seus jogos de cena - vistos como *jogos de linguagem* - a fim de identificar e descrever *semelhanças de família* entre rastros de significação manifestos em alguns desses jogos e em outros, dispersos e identificáveis, praticados em arquivos culturais diversos.

Uma terapia opera a partir dos efeitos performáticos de sentido produzidos pelo que se manifesta explicitamente no texto literário de partida sobre os corpos de leitores terapeutas dispostos a investigar rastros desses efeitos em outros jogos de linguagem.

Ao contrário da tentativa de aproximar e comparar escritas literárias – buscando possíveis traços comuns ou distintivos entre temas, enredos, estilos, enfim -, a *terapia de dispersão espectral* lida com as narrativas a partir de uma outra perspectiva [a qual Wittgenstein utilizou, ele próprio, para lidar com o discurso filosófico] por acreditar que ela oferece um modo inusitado de investigar os efeitos suscitados a partir da leitura do texto literário e as estratégias construídas, em cada caso, e que são capazes de nos impactar.

O aspecto terapêutico praticado pelo próprio Wittgenstein vem sendo assim resignificado e me parece representar a originalidade propriamente dita das investigações realizadas, especialmente a partir de obras artístico-culturais contemporâneas, porque ainda que sua filosofia já seja explorada no domínio efetivo dos estudos literários, o aspecto terapêutico não me parece ter ganhado relevância ou ter sido já, desta maneira, explorado. Em minha pesquisa de doutorado, procuramos apontar para o potencial criador da terapia de dispersão espectral a partir da proposta de três investigações literárias interdependentes, tendo como objeto de estudo as diferentes encenações do feminino e as relações de gênero que as constituem nos e a partir dos

contos de três escritoras latino-americanas, a saber María Luisa Bombal, Clarice Lispector e Silvina Ocampo (MIGUEL, 2015).

O objetivo vem sendo o de percorrer os rastros desses efeitos que partem dos textos, em cada caso selecionados, em dispersão a outros arquivos culturais nos quais as questões que interessam o leitor/pesquisador/terapeuta aparecem reencenadas em diferentes *formas de vida*. Expressões como “jogos de linguagem”, “formas de vida”, “semelhanças de família” aparecem ao longo das *Investigações Filosóficas* como noções difusas, nem sempre utilizadas da mesma maneira.

Diferentemente de uma atitude hermenêutico-interpretativa, de busca de um sentido oculto no texto literário (o que o texto quer dizer... o que o autor quer dizer... etc), o modo como passamos a abordar terapeuticamente os textos que se decide ler/estudar procura “mostrar” - através de uma *perspectiva panorâmica*, que é outra noção wittgensteiniana - os elos que nos conduzem a certas analogias estabelecidas por *semelhança de família*.

Embora a sobredeterminação semântica da palavra “terapia” não se refira aqui a uma acepção psicológica ou psicanalítica propriamente, já que não está, por certo, baseada em nenhuma teoria da mente ou do aparelho psíquico, decidimos, ainda assim, mantê-la, uma vez que é o próprio Wittgenstein que, partindo de seu uso situado em psicanálise, mobiliza a palavra com outro significado. A intenção não é explicar as relações analógicas mediante processos cognitivos ou mecanismos mentais, pois essas noções tenderiam a subordinar o problema à teoria. O aspecto antiteórico do pensamento de Wittgenstein, assim como a natureza não hermenêutica de sua terapia filosófica, é especialmente comentada por Nigel Pleasants, em seu *Wittgenstein and the idea of a critical social theory. A critique of Giddens, Habermas and Bhaskar* (2002). Cito também, nesse sentido, o importante debate promovido por Susan Sontag, em seu *Contra a Interpretação* (1987).

A terapia parte daquilo que está manifesto para elucidar o modo como são construídas determinadas estratégias e determinados efeitos capazes de nos impactar. O movimento da terapia de Wittgenstein não é de natureza conceitual, mas imagético-descritivo<sup>1</sup>. Parte do solo da prática e dos usos cotidianos da linguagem que são, para ele, profundamente ritualísticos. Assim, a *gramática* torna-se uma espécie de ritual ou de rede mitológica sempre constituída por diferentes jogos que se processam de acordo

---

<sup>1</sup> Imagem no sentido de modo de ver, sentido negativo.

com as regras postas em prática: o uso de determinada palavra, em certo ritual, pode ser um bom uso da linguagem, mas quando colocada em outro jogo pode torna-se uma má interpretação da linguagem. A palavra “gramática” é utilizada por Wittgenstein, sobretudo, como forma de adjetivar ou significar o conjunto não essencialista e mutável das regras ou enunciados normativos – nem sempre identificáveis e aceitos incontestavelmente – postos em cena na linguagem e que orientariam os sentidos de determinado jogo de linguagem.

A terapia à qual Wittgenstein submete o discurso filosófico vem sendo também ressignificada com base em algumas *semelhanças de família* que ela mantém com o movimento da desconstrução de Jacques Derrida, especialmente a partir das noções de espectros e da compreensão do texto literário como enxertia/citação. A partir da ideia de que nenhum texto literário é totalmente original e de que o performativo se daria tento pelo movimento da repetição/iterabilidade quanto pelo aspecto de originalidade, a idiosincrasia, portanto, do texto literário.

O que passamos a chamar de *terapia de dispersão espectral* propõe a descompactação do ato narrativo de partida e a investigação dos rastros desses efeitos em diferentes jogos de linguagem por uma leitora ou um leitor terapeuta interessada(o) em persegui-los, não com o intuito de explicar a narrativa ou os efeitos [a origem desses efeitos] nem mesmo o de se propor uma outra interpretação para os textos de partida.

Talvez, a implicação mais expressiva do pensamento de Wittgenstein e da atitude terapêutica para os Estudos Literários seja a própria concepção de linguagem desenvolvida por ele a partir da década de 1930 e, sobretudo, nas *Investigações Filosóficas*. A linguagem passa a ser vista como um conjunto heterogêneo de jogos de linguagem, sempre em movimento. E cada jogo é visto como uma linguagem completa [não existe mais a língua e a aplicação da língua, a teoria e a aplicação da teoria]. A própria sugestão de ver a linguagem como um jogo já nos dá a ideia de ação corporal. Alguns comentadores de Wittgenstein disseram que ele teria criado a noção dos “jogos de linguagem” ao assistir uma partida de futebol<sup>2</sup>.

O corpo que participa do jogo de linguagem participa orientado pelas regras que constituem a *gramática* [outra noção wittgensteiniana] desses jogos, mas as regras, para Wittgenstein, não são nunca prescritivas. Quando eu escrevo, o próprio ato de escrever

---

<sup>2</sup> Ver *Ludwig Wittgenstein: the Duty of Genius*, de Ray Monk, editado pela Jonathan Cape em 1990, e *Wittgenstein: A Life (Young Ludwig 1889-1921)*, de Brian McGuinness, publicado pela Duckworth em 1988.

também é visto como um jogo de linguagem encenado por um corpo que escreve. Do mesmo modo, o ato de ler é também compreendido/visto como um ato corporal em que o texto escrito provoca efeitos performáticos no corpo de quem lê e remete o leitor ou leitora às memórias das práticas culturais das quais ele participou.

Para Wittgenstein não existe uma linguagem privada. São sempre linguagens que se constituem em contextos situados, em diferentes *formas de vida*.

Tendo em vista essa concepção de linguagem, o próprio ato narrativo passa a ser visto, como entende também Henry Mc Donald, como ação corporal que institui “presenças narrativas”, uma vez que o próprio ato de narrar é visto como uma composição situada e idiossincrática, bem como iterativa.

O ato narrativo é performativo porque é uma ação corporal [uma encenação corporal de quem participa do jogo narrativo, ou seja, autor, narrador e leitor]. O ato narrativo é performático porque é sempre original, mesmo repetindo e reunindo enxertos, citações, remissões, enfim.

As reflexões em questão nos conduzem para a primazia do corpo que participa das práticas culturais em diferentes *formas de vida*, por isso ele é reminescente! Com o corpo todo, com todos os sentidos conhecemos o que as coisas são. O corpo é o veículo de retenção, relembração e reprodução de figuras de movimentos. O corpo é memória e produtor de gestos. O corpo é o lugar de poder constituidor de um mundo simbólico-cultural. Por isso, natureza e cultura estariam indissolúvelmente entretecidas na pele do corpo humano [“estamos presos em nossa pele”, nos diz Wittgenstein<sup>3</sup>], de forma a tornar impraticável nossa participação em qualquer jogo de linguagem que pretendesse abandonar o corpo ou subtraí-lo. Cito Wittgenstein:

É, portanto, errôneo falar do pensamento como uma ‘atividade mental’. Podemos dizer que o pensamento é, essencialmente, uma atividade da operação com sinais. Essa atividade é executada com a mão quando pensamos escrevendo; com a boca e a laringe quando pensamos falando; e quando pensamos imaginando sinais ou figuras, eu não posso indicar a você nenhum agente que pense. [...] Se falamos sobre o lugar onde ocorre o pensamento, temos o direito de dizer que esse lugar é o papel no qual escrevemos, ou a boca que fala (WITTGENSTEIN Apud GEBAUER, 2013, p.69).<sup>4</sup>

Em um outro aforismo, ainda mais conciso, há a sugestão – não sem uma dose de refinada ironia (!) – ainda mais enfática na descrença de uma suposta “atividade

<sup>3</sup> Diários de 1930-32/1936-37, p.39.

<sup>4</sup> Embora em inglês *The blue and brown books* (1962) seja uma obra única, ela foi traduzida para o português (de Portugal) separadamente, em dois livros, *O livro azul* (1992a) e *O livro castanho* (1992b). A mesma passagem traduzida no livro de Gunter Gebauer torna-se ainda mais clarificante:

mental” como instância psíquica segregada do resto do corpo, notoriamente localizada em nosso cérebro e, por extensão, dentro de nossas cabeças: “Penso, de fato, com minha caneta, pois minha cabeça frequentemente não sabe nada daquilo que minha mão está escrevendo” (WITTGENSTEIN, 2000a, p. 34). Na impossibilidade total da existência de um “eu” que se pensa e que teria o poder de falar sobre seu próprio corpo de forma alheia a qualquer situação concreta e independente de qualquer jogo de linguagem, a supremacia da pele – e do “estamos preso em nossa pele”<sup>5</sup> – fornece ao corpo humano biológico o poder de constituir e ser constituído pelas práticas culturais e pelos jogos simbólicos de linguagem. Assim, não é possível falarmos em jogos incorpóreos, da mesma maneira que não é possível dissociar corpo, natureza e cultura. São postas em questão, dessa maneira, as fronteiras demarcatórias entre pensar e fazer, entre saber e agir, entre corpo e mente, pois se existem, de fato, saberes é certo que eles não estão dissociados de um corpo humano que os realiza, os mobiliza e os pratica. Aprendemos a escrever escrevendo, aprendemos a ler lendo, aprendemos a dançar dançando... e assim por diante. Participar corporalmente de qualquer jogo de linguagem é deixar-se orientar por suas regras, tendo ou não clareza e ciência sobre elas. Com isso, Wittgenstein conduzirá seu pensamento a uma revisão da concepção convencional dos atos mentais.

É nesse sentido que toda memória seria, inevitavelmente, memória da pele, memória do corpo, e as práticas culturais são auto memorialísticas: mobilizam memórias, afetos, relações de poder...

A crença na existência de nosso próprio corpo – como reconhece Wittgenstein – constitui a condição inalienável para que possamos não apenas usar a linguagem mas, a partir desse uso, produzir saberes e crenças. A certeza do corpo, criada a partir de sua participação física ou encenada pelo jogo de linguagem, é também a condição para que a linguagem possa ser utilizada.

O propósito dos movimentos de dispersão espectral promovidos pelas terapias aqui referidas não é o de ressignificar o texto de partida, nem o de produzir uma melhor ou pior interpretação literária, mas o de destacar o papel vital - e profundamente existencial ou vivencial - da literatura como um movimento auto terapêutico do leitor - uma aventura do leitor -, desconstruindo hierarquias e privilégios de sentido a que estão

---

<sup>5</sup> Diários de 1930-32/1936-37, p.39.

submetidas às práticas culturais e os valores ético-estéticos atribuídos aos produtos das culturas.

Por fim, a atitude terapêutica percorre os arquivos culturais a partir dos meios expressivos, estratégias e recursos ficcionais manifestos nos textos, para valorizar o desejo do leitor de se explorar com base no convite que lhe faz o texto literário.

Assim, cada leitor/leitora, cada ato de leitura, reatualiza um ritual, revisita velhas e conhecidas mitologias e, nesse percurso, encontra o prazer e as dimensões ética e estética que se atualizam nos contextos das disputas dialógicas entre os usos dos textos em distintas *formas de vida*.

## Referências

- ALTIERI, C. Wittgenstein on Consciousness and Language: A Challenge to Derridean Literary Theory. **MLV**, v. 91, n. 6, Comparative Literature (Dec.), 1976, p. 1397-1423.
- DERRIDA, J. **Dissemination**. Chicago: University of Chicago Press, 1981.
- \_\_\_\_\_. Assinatura, evento, contexto. In: \_\_\_\_\_. **Limited Inc**. Campinas: Papyrus, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Pensar a desconstrução**. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Cartão postal: De Sócrates a Freud e além**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- \_\_\_\_\_. **Essa estranha instituição chamada literatura: Uma entrevista com Jacques Derrida**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- GLOCK, H. J. **Dicionário Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- GEBAUER, G. **O pensamento Antropológico de Wittgenstein**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.
- MCDONALD, H. Wittgenstein, Narrative Theory, and Cultural Studies. **Telos: Critical Theory of Contemporary**, v. 2001, n. 121, 2001, p. 11-53.
- \_\_\_\_\_. The Narrative Act: Wittgenstein and Narratology. **Telos: Critical Theory of Contemporary**, v. IV, n. 4, 1994.
- MIGUEL, F. V. C. **Investigações Literárias. Terapias e encenações do feminino**. 2015. 295 f. Tese (Doutorado em Letras. Área de Concentração: Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, 2015.
- \_\_\_\_\_. Investigações literárias contemporâneas a partir da atitude terapêutica de Ludwig Wittgenstein. In: *RevLet – Revista Virtual de Letras*, v. 08, nº 01, jan/jul, 2016a.
- \_\_\_\_\_. Encenações de gênero e do feminino na canção “Caça à Raposa”, de João Bosco e Aldir Blanc. In: FISCHER, L. A & LEITE, C. A. B (Org.). *O alcance da canção: estudos sobre música popular*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2016b, p. 238-252.
- MIGUEL, F. V.C.; MIGUEL, A. Uma terapia do noturno a partir de War Requiem de Derek Jarman. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**. v. 25, n.1. O noturno na literatura e nas artes, 2015.
- NEDO, M. (2002). **Wittgenstein and Cambridge Family Resemblances**. Disponível em: <<http://www.editor.net/BWS/docs/ClareHallCatalogueNew.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2014.
- PERLOFF, M. **A Escada de Wittgenstein: a Linguagem poética e o Estranhamento do Cotidiano**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

- SALLES, J. C. P. S. Filosofia e terapia em Wittgenstein. **Analytica**, v. 9, n. 2, 2005, pp. 88-112.
- STATEN, H. **Wittgenstein and Derrida**. Lincoln: University of Nebraska Press, 1986.
- SONTAG, S. **Contra a interpretação**. Porto Alegre: LP&M, 1987.
- WITTGENSTEIN, L. **The Blue and Brown Books**. Second Edition. Oxford UK & Cambridge USA: Blackwell Publishers, 1962.
- \_\_\_\_\_. **Investigações filosóficas**. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- \_\_\_\_\_. **Da certeza**. Lisboa: Edições 70, 1990.
- \_\_\_\_\_. **O livro azul**. Lisboa: Edições 70, 1992a.
- \_\_\_\_\_. **O livro castanho**. Lisboa: Edições 70, 1992b.
- \_\_\_\_\_. **Cultura e valor**. Lisboa: Edições 70, 2000.
- \_\_\_\_\_. **Philosophical investigations**, 4 ed.. Reino Unido: Blackwell Publishing Ltd, 2009.
- WOLFREYS, J. **Compreender Derrida**. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.